

Bené
Fonteles
conVida



Realização

ARTE na ESPREITA e na ESPERA...

POÉTICAS na QUARENTENA!



BENÉ FONTELES

conVida

ARTE na ESPREITA e na ESPERA...

POÉTICAS na QUARENTENA!

Alexandre Gismonti

Bianca Gismonti

Bené Fonteles

Carlos Rodrigues Brandão

Ciça Fitipaldi

Consuelo de Paula & João Arruda

Consuelo de Paula e Regina Machado

Dacio Galvão e Cid Campos

Débora Bruno

Elisa Stecca

Ernesto Bonato

Fernando França

Fernando Melo

Gustavo Godoy

Jean-François Timmers (CAPA)

Jofram Fonteles

Luiz Bueno

Luiz Lira

Luiz Mauro

Luiz Turiba

Marilde Stropp

Marina Faria

Marta Aurélia

Mauro Tanaka

Miki Narita

Paulo Kauim

Raquel Coutinho

Rodrigo Bueno

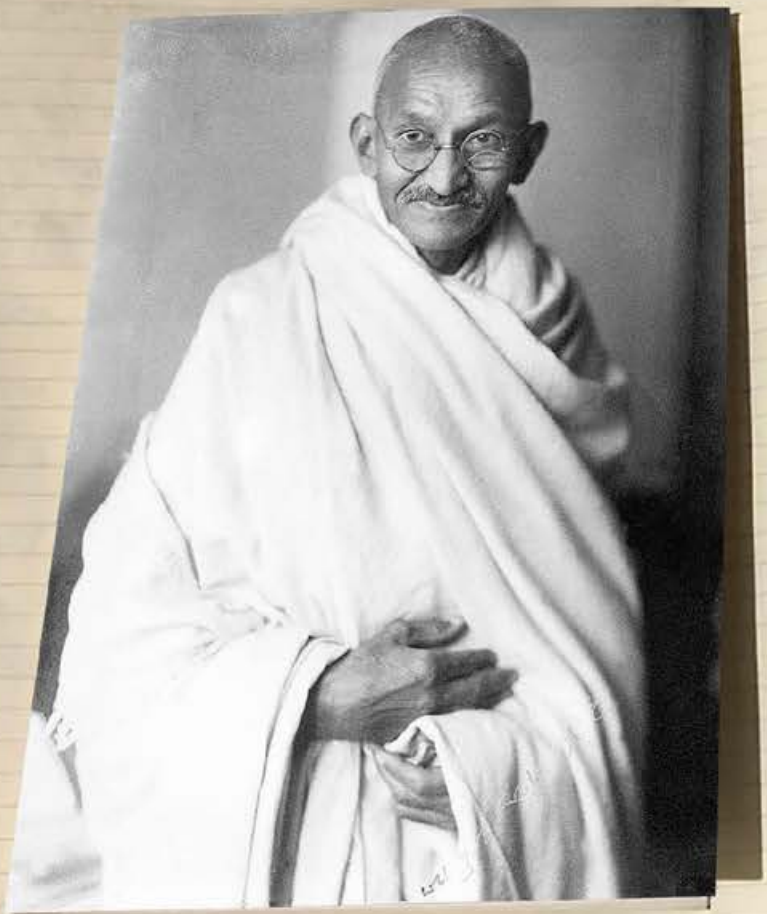
Selma Parreira

Sueli de Lima Moreira

Alice de Lima Nin Ferreira

Thiago Barbalho

Xico Chaves



Desobediência
Civil:

NÃO SAIA DE
CASA
NEM
A
PARA!





UMA HOMENAGEM A
Egberto Gismonti

Neste tempo em que vivemos, num país qual “terra devastada”, não sabemos sequer o Brasil que queremos. A democracia, a política e a economia em ruínas, cultura e arte desprezadas pelo poder e parte de seu povo, o ambiente natural em chamas, o povo indígena em genocídio, além do racismo posto às claras, temos apenas um consolo em meio à pandemia: a qualidade de nossa cultura e nossa arte resistindo talentosas e nobres, justas e belas com um povo que ainda é generoso, criativo, amoroso e solidário.

Entre nós também vivem dois dos maiores artistas do mundo: um deles, Gilberto Gil, homenageado na última edição deste Catálogo da Quarentena; o outro, Egberto Gismonti, o homenageado desta edição. Egberto é um dos mais importantes compositores e instrumentistas contemporâneos do planeta, que honraria qualquer país em tê-lo como cidadão.

Gismonti gravou cerca de 70 discos magistrais pelo mundo, com composições de uma lírica poética, como raros o fizeram. Compôs a trilha sonora mais perfeita para a Terra Brasilis do começo dos anos de 1970 para cá, inspirado em personagens do tipo Mário de Andrade, Villa-Lobos, Riobaldo, o pajé xinguano Sapaim Kamayurá, e em tudo o que temos de mais universal, vasto e eterno. Ele se transformou numa verdadeira entidade cultural e espiritual de nossa memória não só musical, mas de tudo e de todo arquétipo, mito e poesia que sustenta, como vigas de madeira de lei e pau-brasil, para que o céu não caia em vão sobre as nossas medonhas e tacanhas cabeças. Todas essas cabeças ameaçadas pelo infortúnio da ignorância do

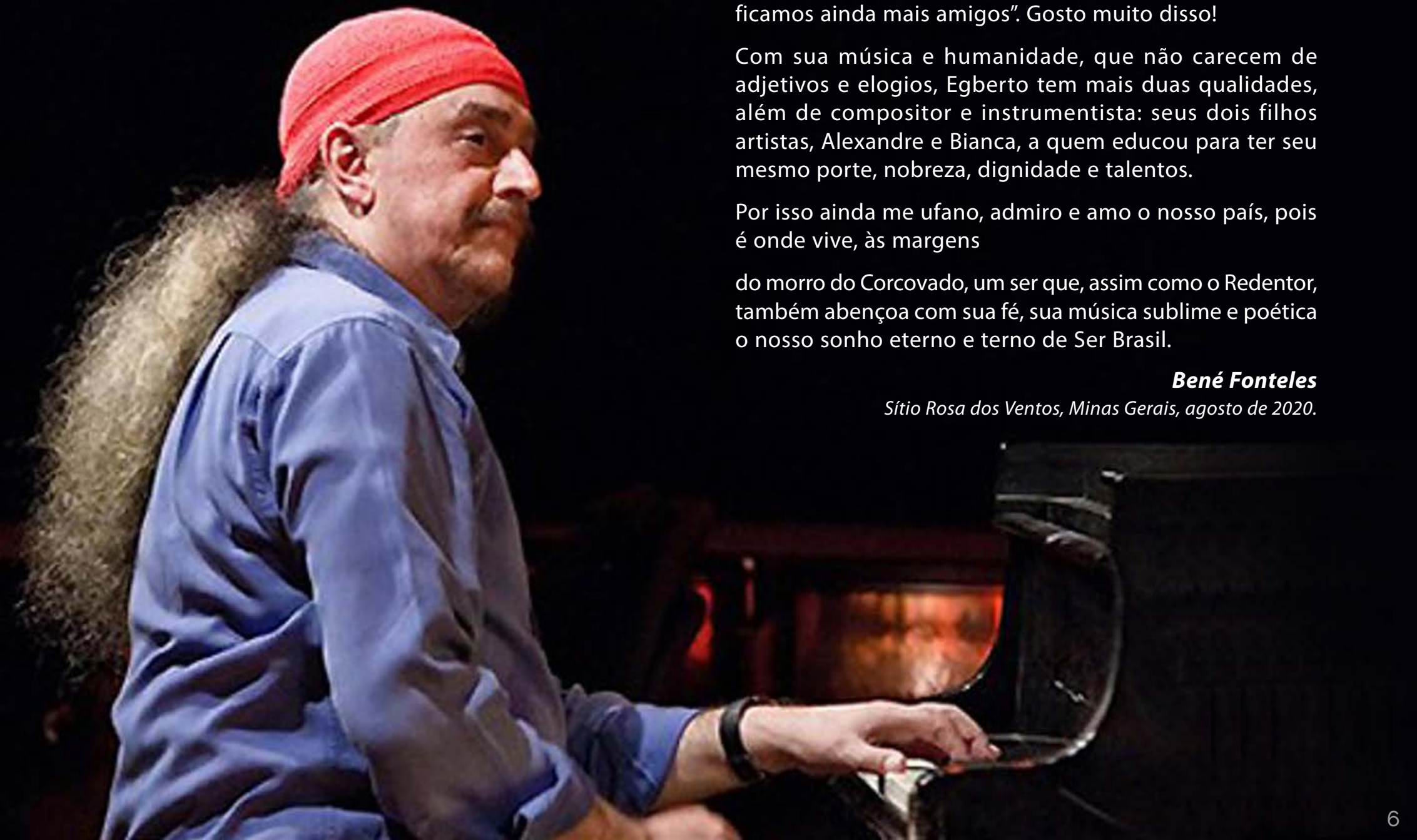
que somos e sabemos, pela traição a tudo o que grandes brasileiros vêm sonhando há séculos, assim como os da geração de Egberto, que nos legaram uma inestimável herança de fé, educação e arte.

Gismonti veio por esse sonho, palavra que também foi título de sua composição Sonho 70, gravada no começo dos anos de 1970 por ninguém menos do que a sublime Elis Regina.

Um amigo que morou em vários países me disse: “Nós, brasileiros, idolatramos os artistas estrangeiros quando vêm ao Brasil e nem sabemos que quando um artista como Egberto Gismonti vai tocar no exterior é anunciado e esperado como se um deus os visitasse”.

Uma vez, assistindo ao seu show no Rio de Janeiro, na década de 1980, vi esse deus encarnado entrar no palco e se dirigir ao piano qual um nobre oriental a caminhar solene com um porte inigualável. Estava senhor de si em sua altivez, consciente plenamente do que era. Acima de tudo, sabia que era neto de seu Antônio, compositor singular de valsas para cada filho nascido, e filho da adorável dona Ruth, sua maior crítica de música (um dia vocês saberão o porquê). Toda essa nobreza, meio assim interiorana, tinha que ter nascido em Carmo, uma cidade do interior fluminense que tem cheiro e sabor das cidades pequenas das Gerais, que nunca perderam a pureza original.

A mim também encanta em Egberto seu amor por Guimarães Rosa, em Riobaldo, pelo que existe de Rosa em Manoel de Barros, e Mário de Andrade neles e em muito mais.



A mim comove sua lealdade aos amigos, e eu tenho conhecimento disso, pois são mais de quatro décadas em que me honra com sua cumplicidade e parcerias. Ele me disse uma vez: “nas duas vezes que nos desentendemos ficamos ainda mais amigos”. Gosto muito disso!

Com sua música e humanidade, que não carecem de adjetivos e elogios, Egberto tem mais duas qualidades, além de compositor e instrumentista: seus dois filhos artistas, Alexandre e Bianca, a quem educou para ter seu mesmo porte, nobreza, dignidade e talentos.

Por isso ainda me ufano, admiro e amo o nosso país, pois é onde vive, às margens

do morro do Corcovado, um ser que, assim como o Redentor, também abençoa com sua fé, sua música sublime e poética o nosso sonho eterno e terno de Ser Brasil.

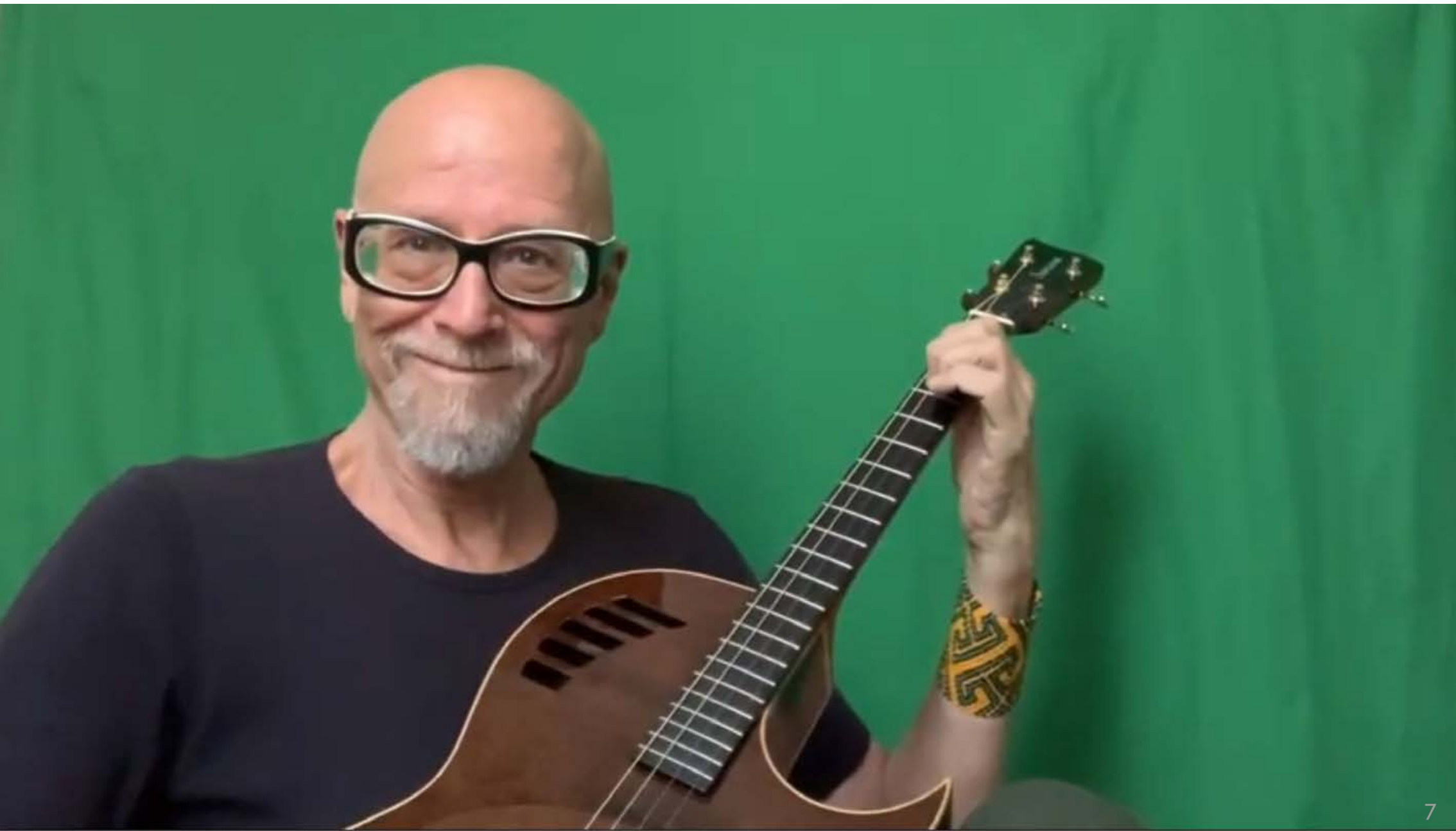
Bené Fonteles

Sítio Rosa dos Ventos, Minas Gerais, agosto de 2020.

A LUZ DE EGBERTO

por **Luiz Bueno**

youtu.be/mogKrGNo2Go





Alexandre Gismonti

[https://youtu.
be/oPMnYOjLXIA](https://youtu.be/oPMnYOjLXIA)

BIANCA
Egberto Gismonti





Bianca Gismonti

www.facebook.com/522476604435199/
[posts/3634430593239769/](https://www.facebook.com/522476604435199/posts/3634430593239769/)



MINHA ESTRELA GUIA

*Bianca Gismonti
a Dulce Bressane*

Hoje entrou no céu
Minha estrela guia
Livre cor, pincel
Som e harmonia

Vi seu rosto tão sereno
Meu coração, alí, pequeno
Nesse rito, um fim tão pleno
Te pedi, de longe,
a sua orientação

Lá no infinito, você é Luz
Com fio de amor, ele conduz
Naquele leito, prostração
Diante do céu, uma oração

Dorme nos braços da grande música
Ela é seu destino
Em solo eterno, te acarinho
Voa, sabiá, de volta ao ninho

De volta ao ninho
Brilha estrela guia

Bianca Gismonti: piano e voz
Julio Falavigna: tabla
Fabio Mentz: flauta bansuri





7 ANÉIS

Egberto Gismonti

Bianca, piano solo

[www.facebook.com/522476604435199/
posts/3877764588906367/?vh=e&
extid=ZbquOQFVi4zbmcFy&d=n](https://www.facebook.com/522476604435199/posts/3877764588906367/?vh=e&extid=ZbquOQFVi4zbmcFy&d=n)



Bené Fonteles

<https://ims.com.br/convida/bene-fonteles/>

ESTÁ NO AR!

Feito a convite do Instituto Moreira Sales / IMS

Fotos de Alik Wunder









Nota pedido: por gentileza, quando desencarnar coloquem minhas cinzas num buritizal olhando para um espelho d'água para ver que ainda sou de vera formoso.

BURITI E BOLERO

Sabe-se que Buriti tem mania formosa de água de nascente. Um atrai o outro por simbiose e sincronia musical nas chapadas e veredas. Por isso, Dona Valda Bonfim originária de Cocos na Bahia, fala: Dizem que o buriti gosta da água pra se olhar no espelho e ver como é bonito.

Guimarães Rosa que compreendia muito bem de chapadões e veredas, amava muito buritis a ponto de afirmar que quando morresse, queria ser a tal da bela palmeira do cerrado. Como Rosa não morreu mas encantou-se, pode estar no Cerrado das Gerais enfeitando a alma da paisagem.

Nunca me esqueço que nos anos 80 do passado século XX quando estava a morar no estado de espírito de Mato Grosso, levei o russo Wladimir, membro da Academia de Ciências de Moscou para visitar a Chapada dos Guimarães. Ele era diretor da Casa de Cultura da América Latina na ainda União Soviética. Tinha duas paixões: bolero e buriti. Só conhecia a palmeira pelas aquarelas do francês Hércules Florence quando este artista esteve na chapada no ano de 1827

Almofada com buritis,
bordada por artesãs do
Vale do Urucuia/ MG



na expedição do alemão e barão Langsdorff. Quando coloquei Wladimir frente a frente pela primeira vez a um buritizal emoldurado por aquele chapadão de bilhões de anos de história, o russo chorou como uma nascente a desaguar sua emoção quase inexplicável ao olhar pasmo do ocidente.

Se Rosa soubesse não ia estranhar aquela paixão não usual russa.

Logo depois num almoço de arroz com piqui que fiz em minha casa em Cuiabá, para Wladimir e Boris Komissarov - outro russo mas pesquisador e historiador da expedição Lagsdorff - coloquei para ouvirem uma coletânea de boleros clássicos interpretados por uma cantora extraordinária da Colômbia - jamais vou saber o nome pois também dei a velha fita cassete pra Wladimir. Ele chorou novamente. Toda a alma da América Latina estava ali pondo sua alma russa e universal à nu. Vai saber por que chorou tanto por boleros e buritis. Por isso, tenho fé na reencarnação.

Bené Fonteles

Sítio Rosa dos Ventos, MG. Agosto de 2020

PINTURA

Miguel Penha

E NOVES FORA, NADA...?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.

Nada existe dentro
porque há nada fora
e verão algum vem
depois da primavera

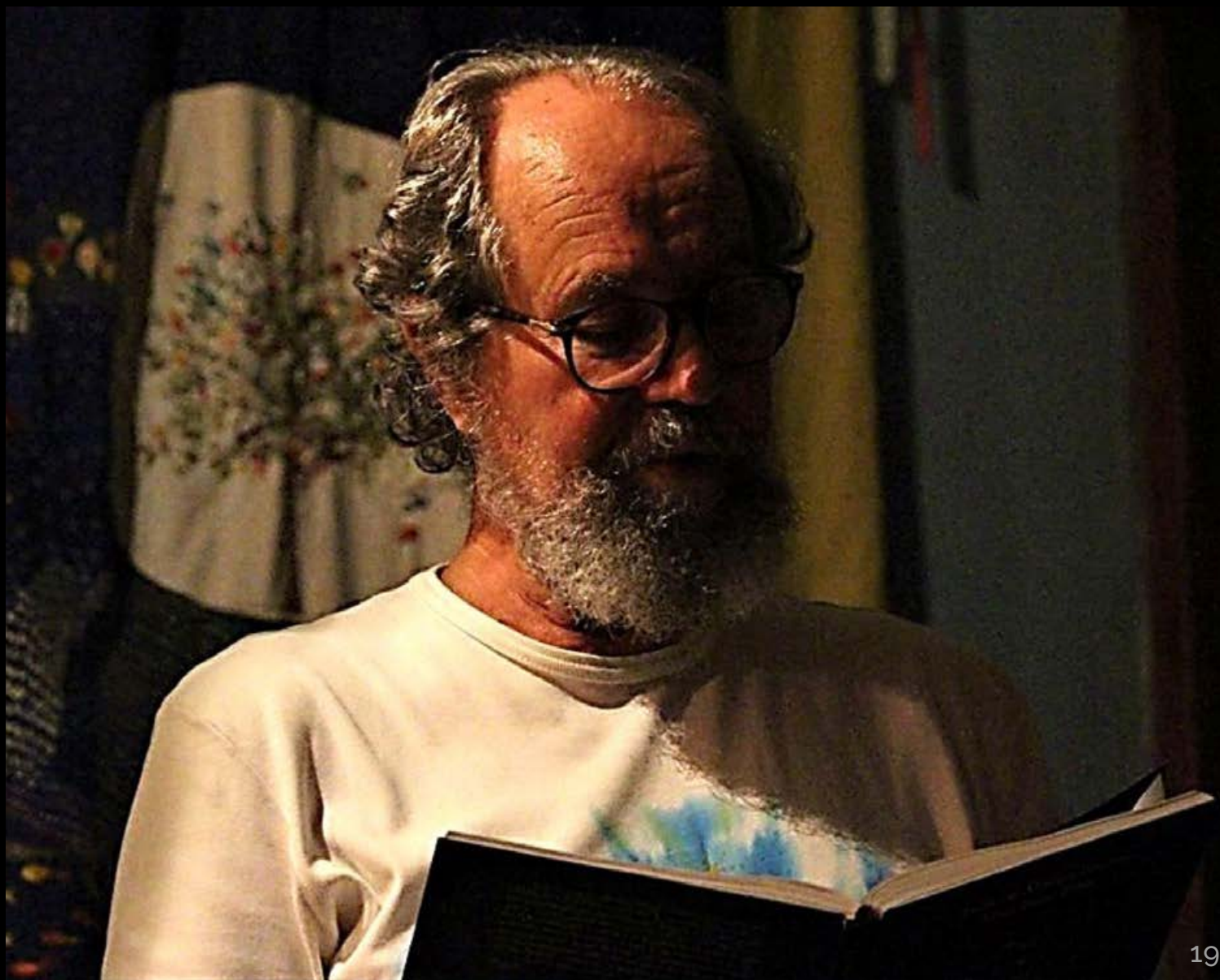
Meu coração nem
sente e nem decora
o resto do pouco que eu herdei
do relicário do Carlos
que ontem eu fui.

Ele sonha o que eu não sei
e eu sonho um lago em mim
que hoje é um rio e... flui.

Vida é o que eu vivi?
E noves fora, nada?
E é dela que eu recordo
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura dela
a hora em que amanheço?
E a casa onde eu moro
é o fim de uma outra estrada?

Carlos Rodrigues Brandão

apartilhadavida.com.br/



O ABRAÇO

(poema escrito em tempos de pandemia e quarentena)

O abraço
é o braço
que ganha um “a”,
como no “ah!”
com que murmuro
o viver o afeto
quando me envolves
entre os teus braços,
quando eu te envolvo
no meu regaço.

O enlace-abraço
é o melhor feito
e é o maior ato
dentro o que tento
dentro os que faço.

E o abraço vive
entre o que vives
entre o que ousas
quando me acolhes
no teu carinho
como eu te acolho
quando te abraço.

O abraço é tudo
e é quase nada,
como a canção
que recomeça,
como o suspiro
que desconcerta.

Como o afeto
que sendo sempre
parece aquilo
que mal se acaba
quando começa,
e mal começa
quando se acaba.

O abraço é o fogo
que aquece a vida
e ainda esquenta
quando já é brasa.

Mesmo se breve
o abraço é eterno
e é sem limite
e é sem idade.
Pois dentro dele
(mesmo ligeiro)
mora o que é terno.

E se antes dele
houve a saudade
de quem abraço,
depois do abraço
quem me abraçou
leva com ela,
leva com ele
o que eu comparto
de meu amor,
minha amizade
e a minha e a sua...
felicidade!

Carlos Rodrigues Brandão

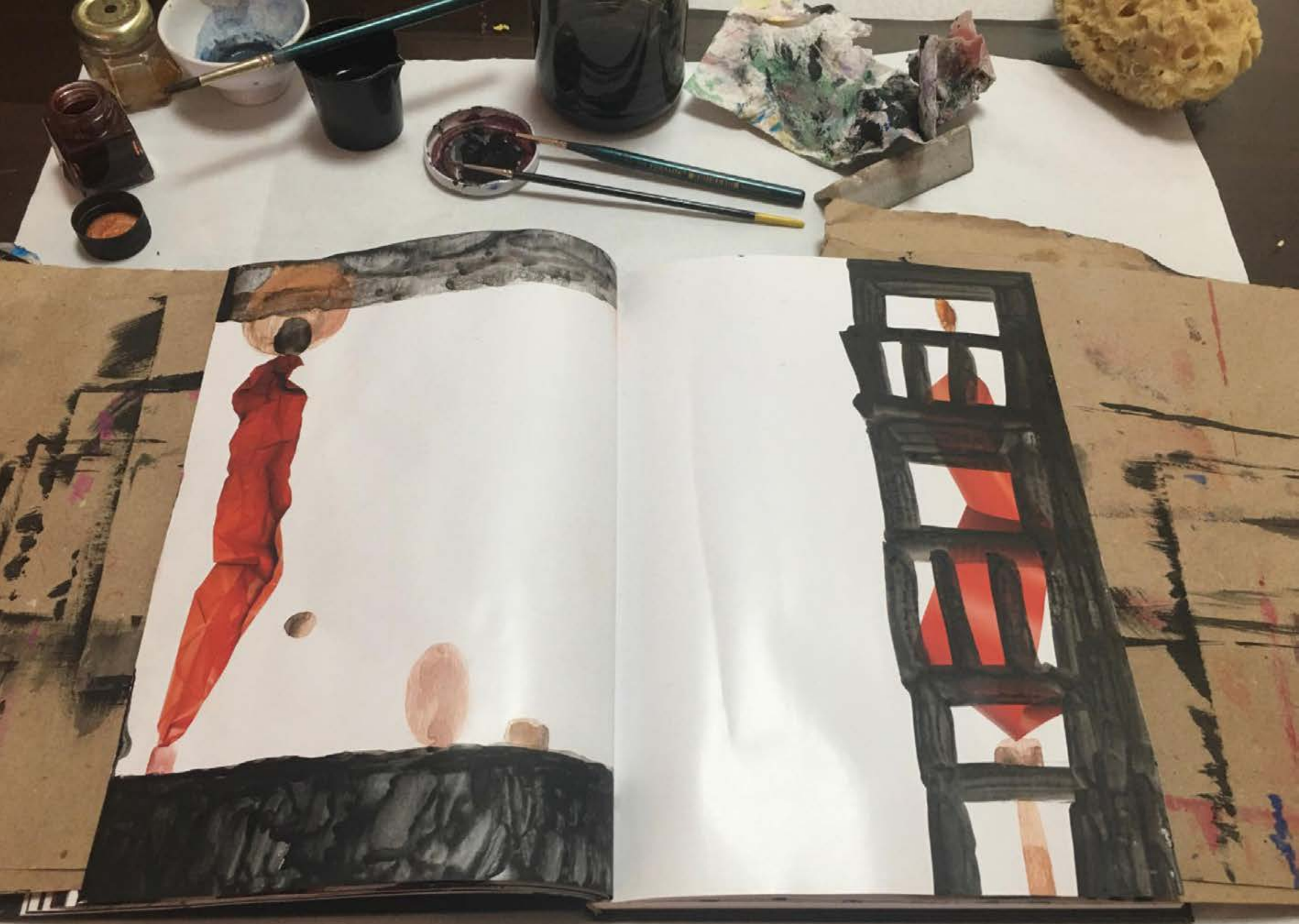


Ciça Fitipaldi











Consuelo de Paula & João Arruda

youtu.be/Q0ie3pbzK2Y



SHOW BEIRA DE FOLHA

Consuelo de Paula & João Arruda

poemas e canções:

POEMA DE ÁRVORE I

CANÇÃO PARA ALIK

CANOA

BEIRA DE FOLHA

SOPRO (poema)

ARVOREDO

D'ÁGUA

COMPANHIA

SAUDADE

SETE AROEIRAS

LAGOA REDONDA

BAILADO

POEMA DE ÁRVORE III

CORTEJO MANANCIAL

POEMA DE ÁRVORE II

FICHA TÉCNICA:

direção de vídeo e edição

MÁRIO DE ALMEIDA

produção de vídeo ESTÚDIO

VENTAMOINHO e MARAVILHA FILMES

cenário e captação de imagens no

estúdio ALIK WUNDER E MARLI WUNDER

captação de imagens no Arvoredo

MÁRIO DE ALMEIDA

produção de áudio

ESTÚDIO VENTAMOINHO

gravação de áudio e mixagem

JOÃO ARRUDA

fitografia da vinheta MARLI WUNDER

arte gráfica da vinheta

LETÍCIA GRACIANO

produção administrativa

JOANA GERMANI

assessoria ELIANE VERBENA e

MAÍRA GAMA



<https://youtu.be/Tj4m4HS8dgc>

ARVOREDO

Consuelo de Paula

Consuelo de Paula, João Arruda e Levi Ramiro

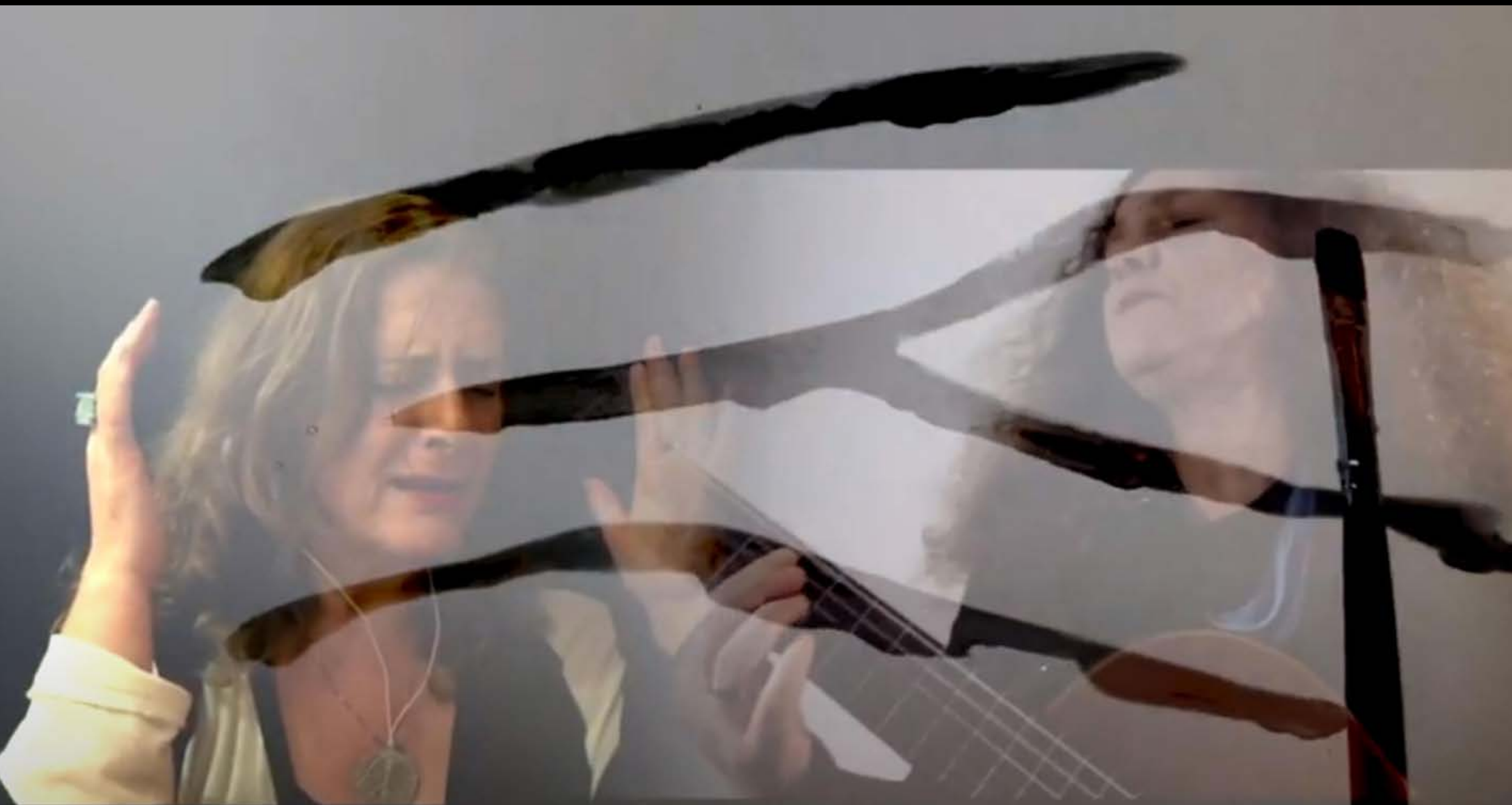
VÍDEO: Mário de Almeida - ARTE (FITOGRAFIA DO LOGO): Marli Wunder





Consuelo de Paula e Regina Machado

<https://youtu.be/pVSwnxaUk3I>





AYRÁ

Regina Machado e Consuelo de Paula

Ayrá é uma das canções que compusemos entre 21 de março e 21 de julho de 2020 e que fará parte do disco Pássaro Futuro. Consuelo escreveu letras para Regina musicar e coisas aladas insistiram em anunciar mudanças, recomeços, resistências, amorosidades e benditas teimosias! Um encontro que nos fez e nos faz transcender mesmo em dias tão difíceis. Gravamos Ayrá no celular (imagem e som) - cada uma em sua casa -, convidamos o Mário Manga pra fazer o cello e a Tarita de Souza pra fazer o vídeo. Tarita dirigiu a filmagem (mesmo de longe) e criou estes traços incríveis para a nossa nave encantada! Mário fez a mixagem e tocou esse som que canta junto com o coração da ave da madrugada. E estamos compondo mais e mais ...

Nunca foi tão necessário criar, expressar, produzir arte, **Consuelo e Regina**

PORTO MADEIRO

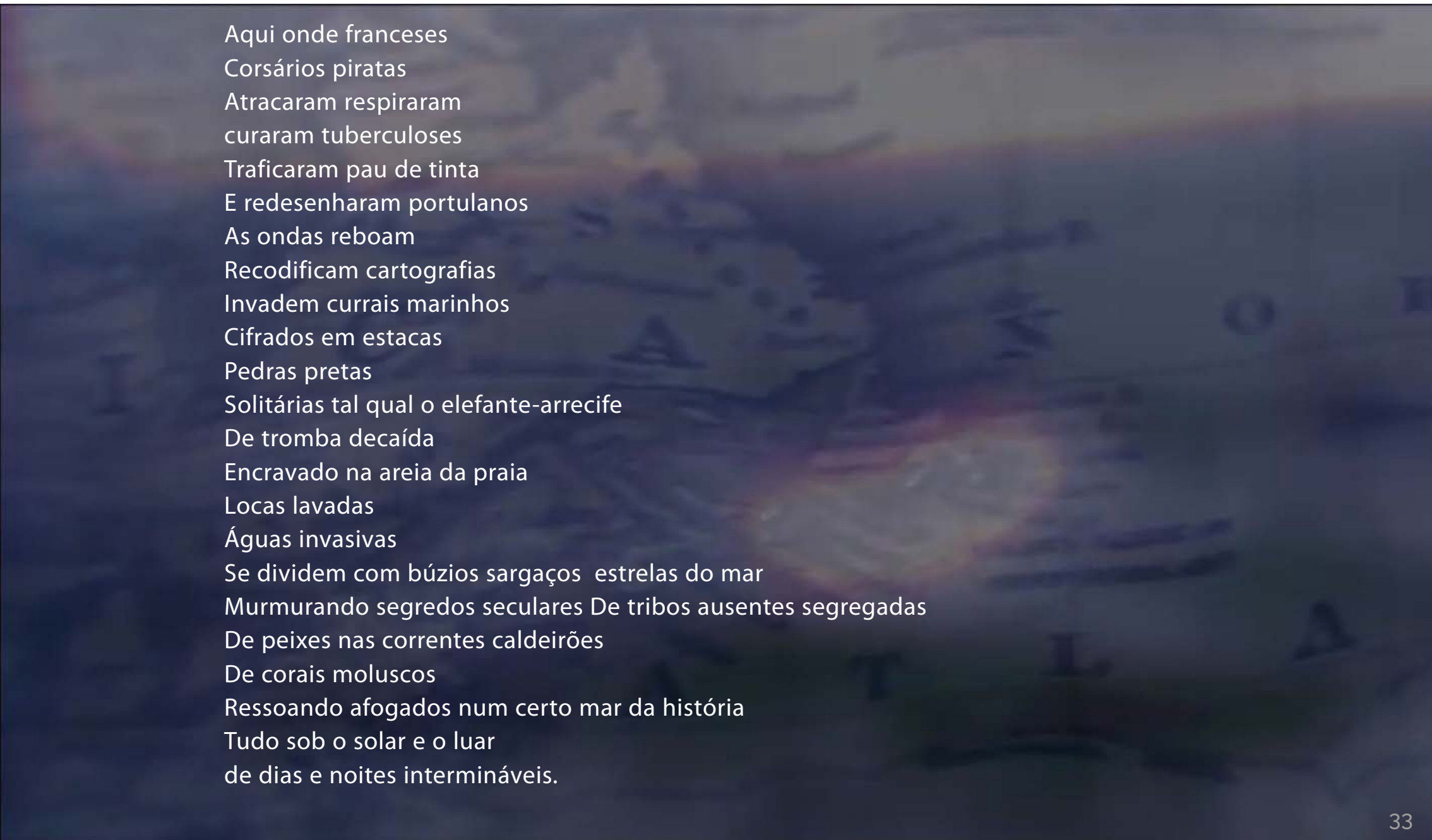
POEMA: Dácio Galvão.

MÚSICA E VOZ: Cid Campos.

VIDEOCLÍPE: Lucila Meirelles e Augusto Calçada.

Dácio Galvão e Cid Campos

youtu.be/uEfFc-pWzFQ



Aqui onde franceses
Corsários piratas
Atracaram respiraram
curaram tuberculosos
Traficaram pau de tinta
E redesenharam portulanos
As ondas reboam
Recodificam cartografias
Invadem currais marinhos
Cifrados em estacas
Pedras pretas
Solitárias tal qual o elefante-arrecife
De tromba decaída
Encravado na areia da praia
Locas lavadas
Águas invasivas
Se dividem com búzios sargaços estrelas do mar
Murmurando segredos seculares De tribos ausentes segregadas
De peixes nas correntes caldeirões
De corais moluscos
Ressoando afogados num certo mar da história
Tudo sob o solar e o luar
de dias e noites intermináveis.



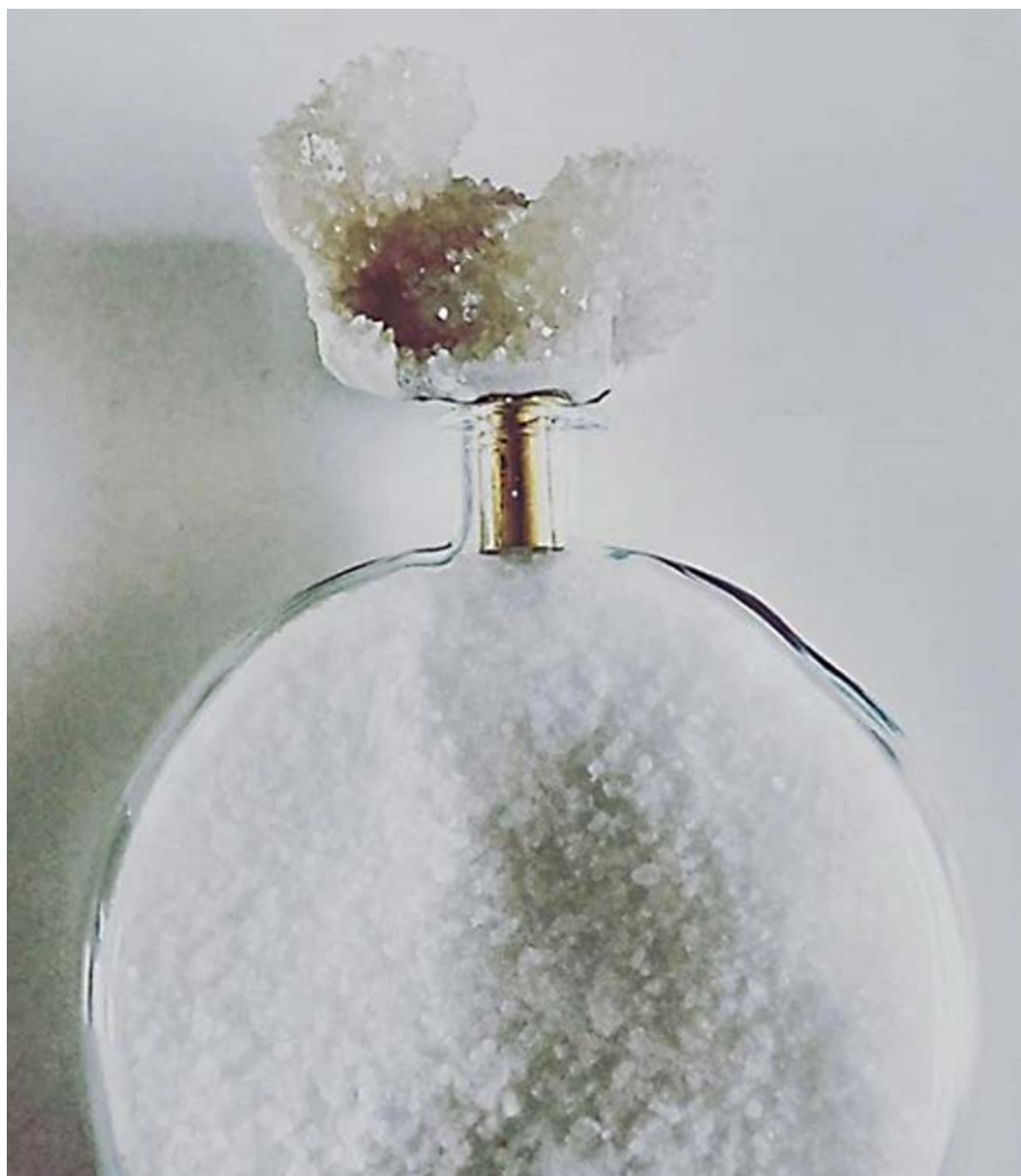
**Débora
Bruno**





Elisa Stecca





Salar continente-Branco



Baobá



Canudo de sal e
copo de sombra



Screen Shot

Ernesto Bonato

www.youtube.com/watch?v=YvIBAo4Xfcs

CIRCULAR

Para Eliana Anghinah

TEXTO E VOZ: Ernesto Bonato

VÍDEO: Marina Faria



Circulo lunar
Circulo solar
Umbigo e ventre do mundo

Bandeja de prata
Cálice de bronze
O óbulo na palma da mão

Um disco de pedra gravada
A mó e o grão
Um giro que nunca cessa

Na noite, risca o compasso um arco de pó e de luz

Azul!
Fulgor!

Chuva fina num vaso de bronze
O sangue que desce com a lua
A sombra dentro da sombra

Seio
Coração
Útero



Uma construção infinita na ilha de Creta
Um gongo que vibra em um templo antigo
Ilhas
Magma
Placenta
Sargaço
As coisas que moram no fundo do mar

Uma semente que se parte no interior da terra
O som inaudível de uma semente que se parte no interior da terra

O interior da terra!

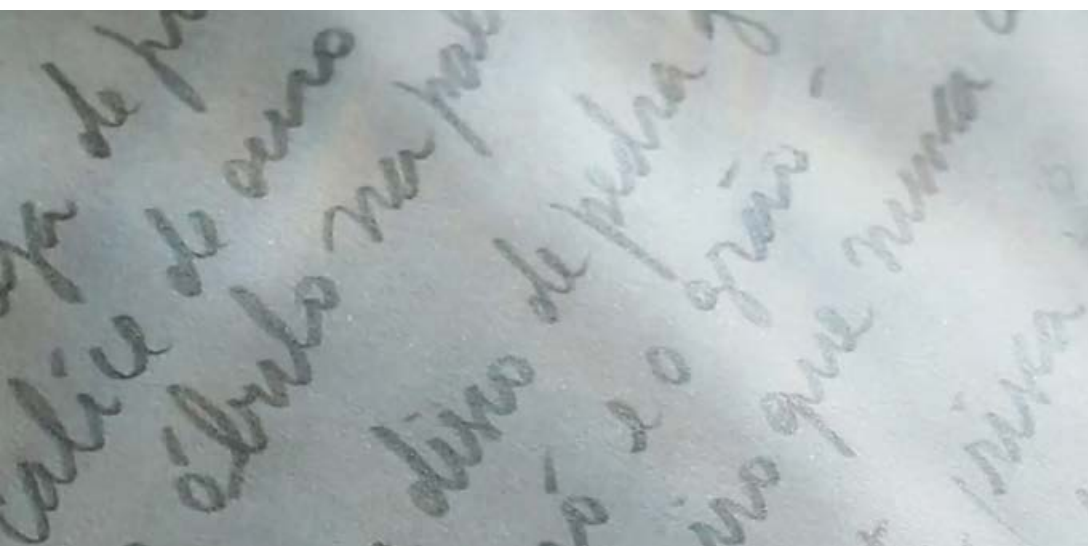
O chão lavado
O fogo aceso
Na oração silenciosa do trabalho,
no tempo que o silêncio anula,
a fibra de cânhamo seca na esteira

Uma escrita secreta dorme
na polpa dispersa

Sonhos

No palácio do meu corpo
construo uma tapera celeste
Oca oca, sem fim nem começo

Uma luz altíssima presencia tudo.



Ernesto Bonato / 12.06.20

Fernando França

www.instagram.com/fernandofrance



Encantes
Amazônicos

*"E vai chegando a
hora do Angelus
no Purus"*

Óleo s/ tela,
90 X 120 cm, 2020

Encantes
Amazônicos
*"O Jaburu que
sabia o dia
exato em que a
Samaúma paria a
Piracema"*
Óleo s/ tela,
90 X 120 cm, 2020



Fernando Melo

youtu.be/SnygwYdzees

AGRESTE



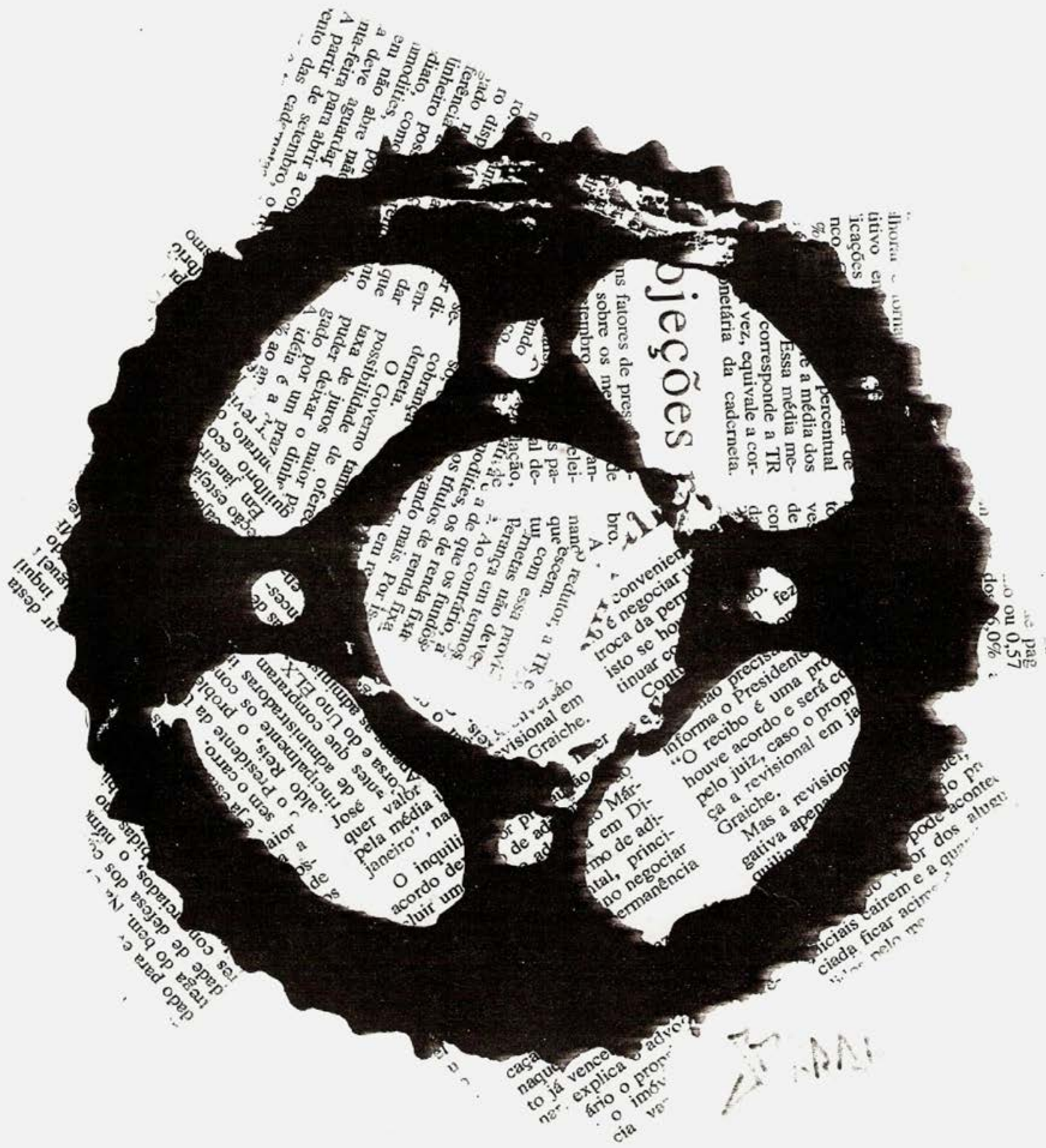


Gustavo Godoy

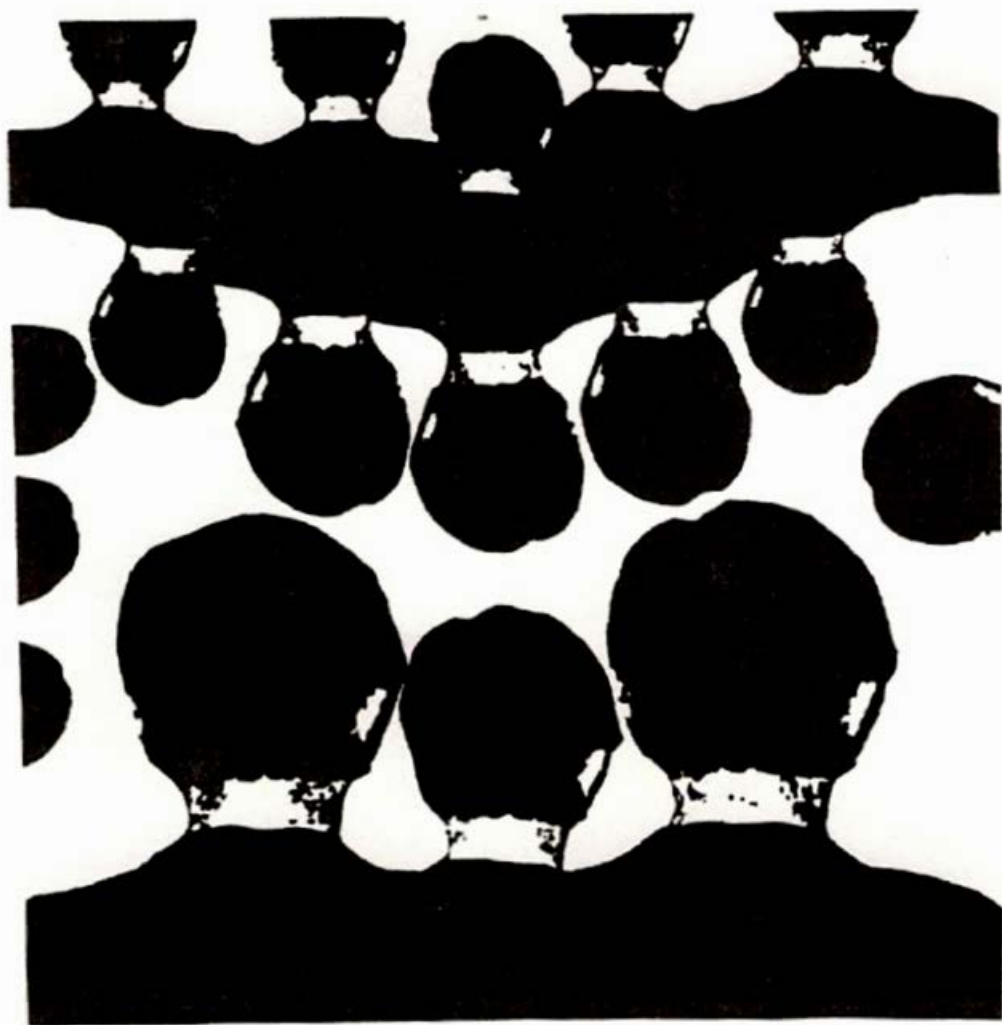
<http://www.gustavogodoy.com.br>



cura



**Jofram
Fonteles**





Luiz Bueno

youtu.be/f4kapqY2Vyk

FLUXO DO SOL

Luiz Bueno: guitarra elétrica | Flávio Franco Araújo: piano, mixagem
vídeo gravado no Estúdio Bongo em 2019

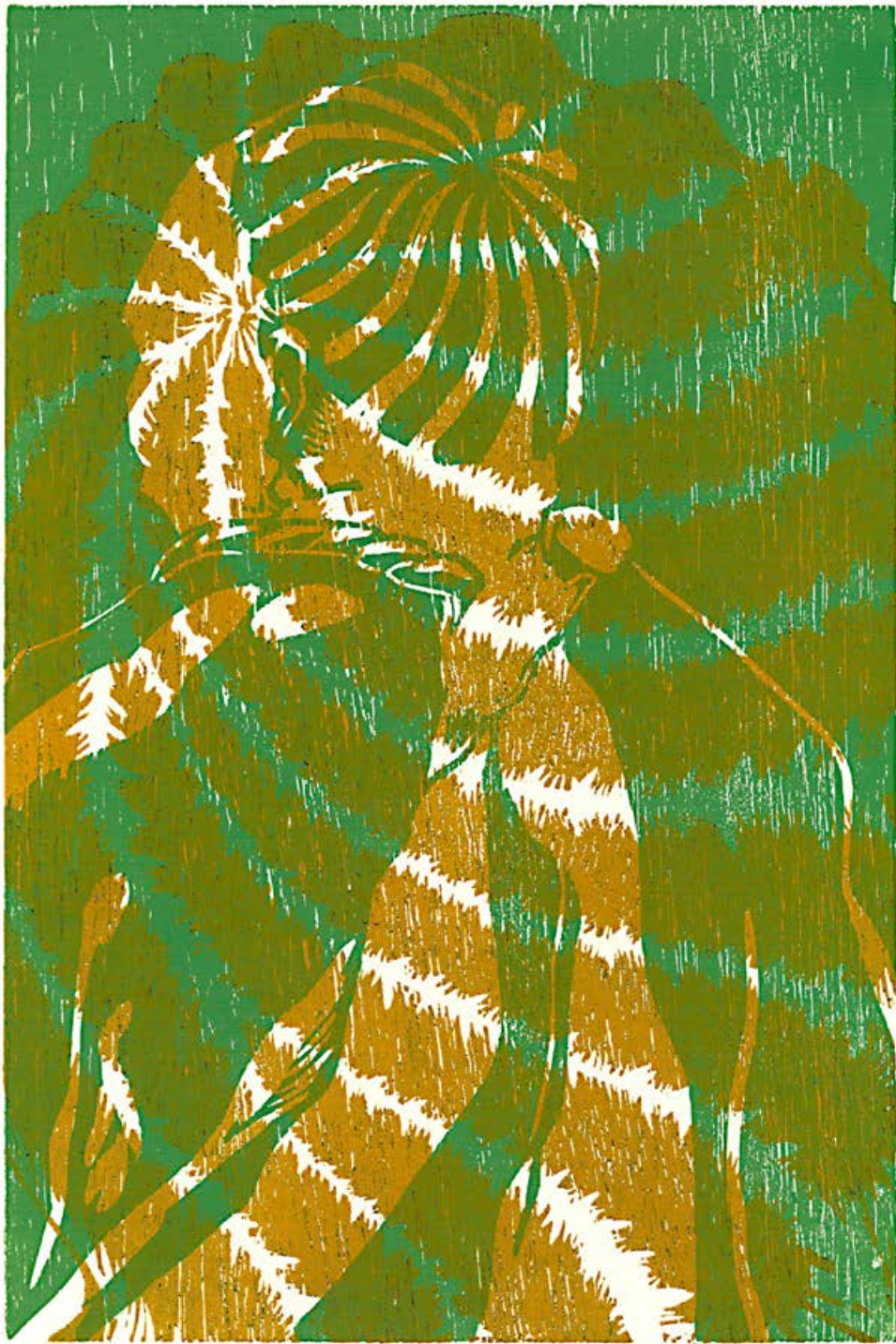






I/I

Luiz Lira



I/I

Miz Ham



I/I

Miz Ham



F/I

Wiz Jan



F/I

Wiz Jan

Luiz Mauro



Ateliê Rubem Valentim nº 2. 2020. Nanquim e óleo sobre papel. 42 x 55 cm



Ateliê Selma Parreira. 2020. Nanquim sobre papel. 34 x 44 cm – Trabalho em processo de execução



Luiz Turiba





Marilde Stropp

GERUNDIO

Fotos das palhas do café emboloradas





A silhouette of a person with long hair and arms outstretched, set against a warm, textured, orange-brown background. The person's arms are extended horizontally, and their head is slightly tilted. The background has a mottled, painterly texture.

Marina Faria

www.youtube.com/watch?v=FqeSweIJXvE

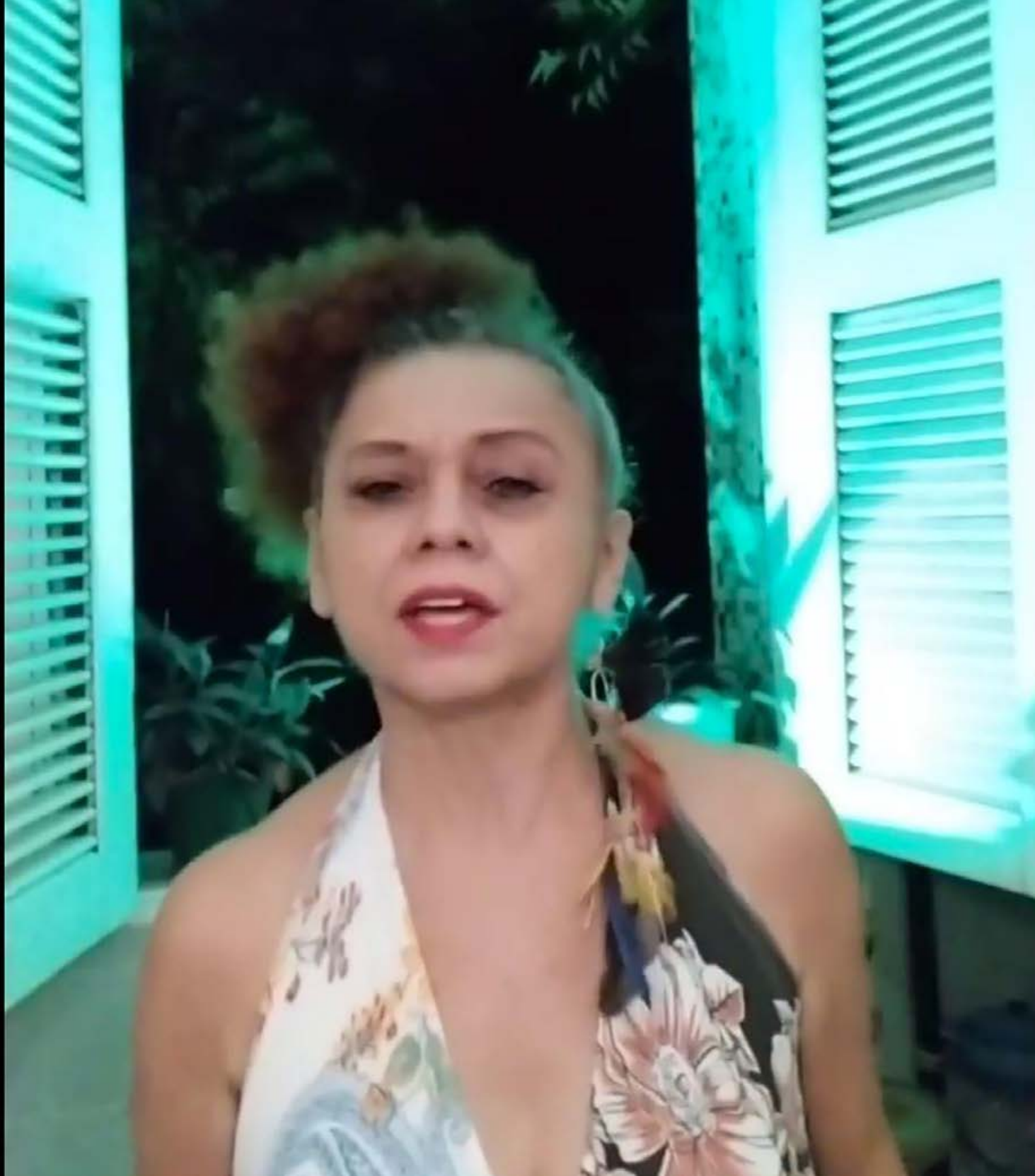
A CÚPULA ESCURA

Experimento coreográfico produzido em isolamento social

DANÇA, IMAGENS E EDIÇÃO: Marina Faria

A Árvore, agosto de 2020





Marta Aurélia

www.instagram.com/tv/CDr4_d5lF_x/?igshid=lvcmsub7p43z

Cantos dos índios Tremembé
(Almofala-Ceará)



Ô jandê recoguirá
guraripe napurana
aiô mainguê
Y ô manguirá
Y ô manguirá
Ai ô mainguirá

ÁGUA DE MANI

Água de mani, ô manima, ecerecê
Água de mani, ô manima, ecerecê
Ô jarimivê, ô jarimivê
Água de mani, ô manima, ecerecê



Agradeço especialmente a minha ancestralidade indígena e aos índios da etnia Tremembé, de Almofala, Itarema - Ceará, representados pelo Cacique João Venâncio, que me autorizou cantar tais canções.

Essa é uma gravação doméstica realizada durante a quarentena na cozinha da DJ Renatinha, a quinta casa onde moro atualmente como parte do projeto itinerante Casa D'Aurélia, que consta de uma série de residências artísticas.

Marta Aurelia



Mauro Tanaka

www.instagram.com/tanaka_mauro



Máquina de Flautas

O balão envia o ar para três flautas harmônicas presas no carrinho que são disparadas com os esguichos de jardim



Minhocuçu V8

Oito tubos de 4 polegadas afinados em dois acordes. Dó maior de um lado e Ré menor do outro.

Miki Narita

www.youtube.com/watch?v=M1798ZMmlos

Quarentena. Da janela, beija-flor.
Se puder, fique em casa/na aldeia. Agosto 2020





“O nosso coração é povoado de amores e, se um beija-flor vem à nossa janela, a alma daqueles a quem amamos, e que por isso mora em nós, parece visitar-nos aqui fora, no plano concreto dos dias,”

Nara Núbia Ribeiro

a
mor
es
a
mor
eir

Paulo Kauim

desligar

a

tv

ligar

o

livro

bebo

fumo

cheiro

céu

no

confinamento

**MES
MO**

**FOR
A**

DA

**PAN
DE
MIA**

**PES
SOA**

**USA
VA**

**VÁ
RI
AS**

**MÁS
CA
RAS**



**seja marginal
fica em casa**

depois da pandemia
o morro todo
vai sambar

つきのなみだ





Raquel Coutinho

youtu.be/gHuz2NiZUHc

URSO

Raquel Coutinho (Para Bené)



PARA BENÉ

BOM DIA QUERIDO BENÉ! ESTOU CONECTADA EM VC. TODOS OS DIAS ACORDO E TOCO SUAS CANÇÕES, AS PESSOAS QUE AQUI ESTÃO COMIGO SE ILUMINAM, SORRIEM ... O DIA COMEÇA E TUDO É FESTA.

ONTEM FINALIZEI UMA OBRA QUE COMECEI HÁ 23 DIAS, UM CURRAL WORKING (RS) UM ESPAÇO PARA SE TER BOAS IDÉIAS EM PAZ E HARMONIA COM A ALMA. TAMBÉM ESTOU CRIANDO UM MOVIMENTO PARA CONECTAR COM A ALMA COM CALMA. FIZ UMA PÁGINA NO INSTAGRAM CHAMA @MOVIMENTOC.ALMA, AINDA É UM EMBRIÃO, ESTÁ NASCENDO SUTILMENTE.

TE ESCRIVO TODAS ESSAS COISAS POIS HOJE APÓS MEU RITUAL MATINAL DE MEDITAÇÃO E RESPIRAÇÃO, ME DEI DE PRESENTE LER O CATÁLOGO QUE ME ENVIOU, FOI TÃO IMPORTANTE, PODEROSO E SIGNIFICATIVO. ME SENTI CONECTADA À ESSA GRANDE REDE DE TRANSFORMAÇÃO E CURA. SOU MUITO GRATA POR ISSO.

ESTOU NA MINHA FAZENDA, FAZENDO SEM PARAR E TUDO ISSO GANHOU UM SENTIDO ENORME DENTRO DE MIM, ACREDITO QUE ESSE É O SENTIDO DA VIDA. QUE NÃO TEM A VER COM A DIREÇÃO QUE SE TOMA, MAS SIM COM O SENTIR A VIDA E ISSO É ESTAR PRESENTE AGORA.

LOGO NAS PRIMEIRAS SEMANAS QUE CHEGUEI AQUI, ISSO FOI EM MARÇO, FIZ UMA MÚSICA QUE CHAMEI DE URSO. INSPIRADA EM UMA CARTA XAMANICA QUE TIREI DO BARALHO. É ASSIM.

URSO

MORADA DE SONHOS
PENETRAR NO SILÊNCIO
CAVERNA-VENTRE
RENASCER NA PRIMAVERA
ANCESTRAIS REUNIDOS
O PODER DO CONHECIMENTO
ME FAZ MERGULHAR
MERGULHAR NO SILÊNCIO

UM SONHO VIVO
VIVO UM SONHO VIVO

PARA TODOS



Rodrigo Bueno

www.mataadentro.com.br

Ateliê Mata Adentro

Salve Salve Caboclo Ventania
Tudo a sua voltaDentro de ti toca
Cozinha de matuto é chão
Raíz e regato a meio passo
Do largo futuro antepassado
Pinta, esculpe, desenha!
Vôo largo é o seu itinerário
Desafio destino é auto-retrato
Solução é ação à fonte aldeia
Coletivo a purificar o lixo
Monstro Divindade a transformar o íntimo

Rodrigo Bueno

Esta obra esta sendo Rifada pelo coletivo Sopão das Manas para apoiar ações de arte do cacique artista Guarani Daniel Werá da aldeia do alto do Jaraguá.

Doe ou colabore por meio do link:

linktree.com.br/new/sopaodasmanas-rifas



O pequeno Caboclo D'água é um índio venus
Pintura sobre uma foto 3x4 dentro de uma concha.
Foi comissionado para uma exposição cujo limites
dimensionais são 5x5x5H



Coivara Doce,
100x150cm, pintura
acrílica sobre madeira
recuperada



Respiro, 180x243cm,
assemblage, pintura
acrílica sobre tela



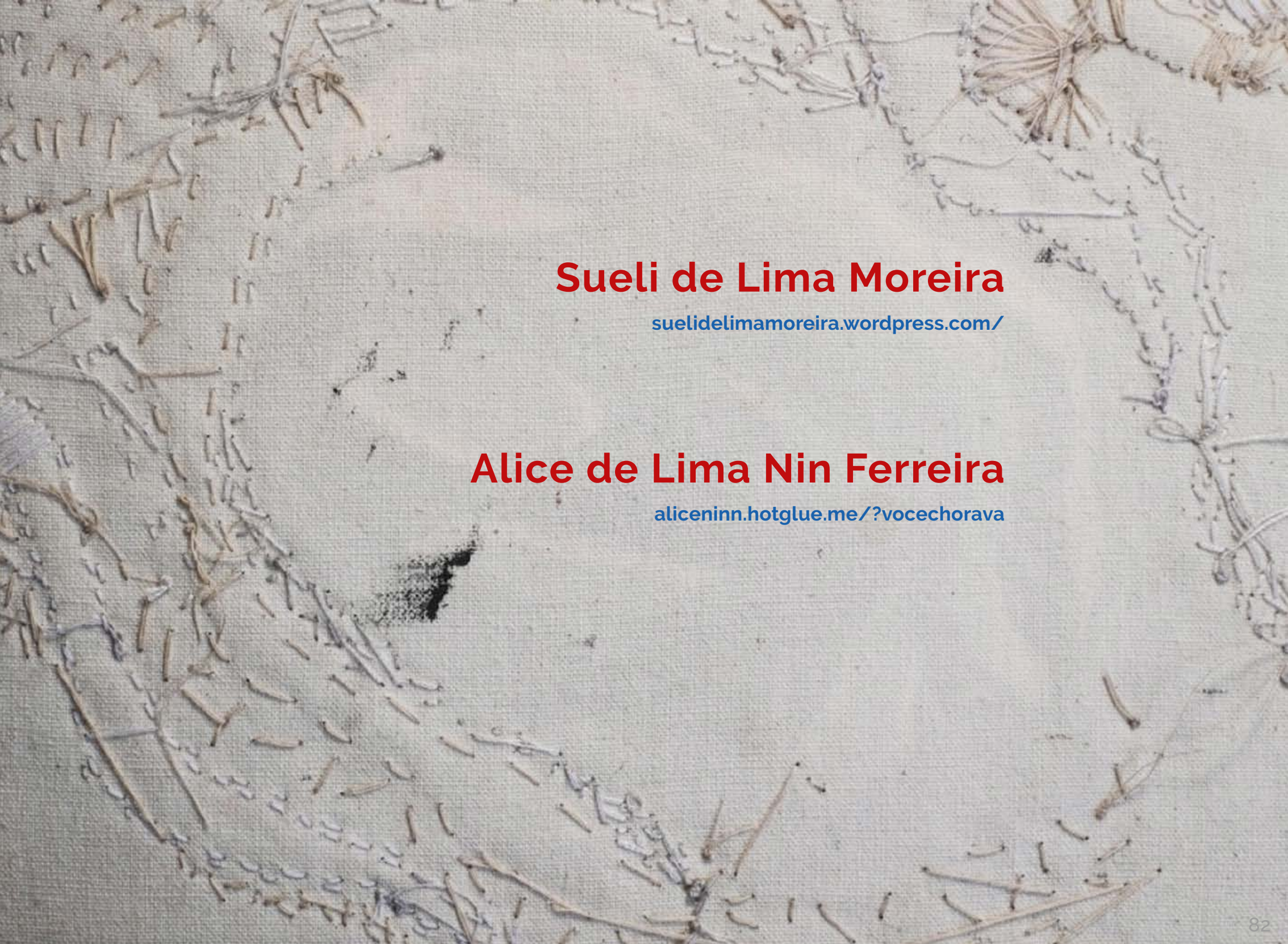


**Selma
Parreira**

[www.youtube.com/
watch?v=23d4YIEOogc
&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=23d4YIEOogc&feature=youtu.be)







Sueli de Lima Moreira

suelidelimamoreira.wordpress.com/

Alice de Lima Nin Ferreira

aliceninn.hotglue.me/?vocechorava



MANIFESTO POÉTICO POR OUTRAS CIÊNCIAS

Sueli de Lima Moreira
Alice de Lima Nin Ferreira

Precisamos da poesia para nos auxiliar nas nossas inquietações por outras metodologias de investigação científica?

Por que a ciência que nos formou (e hoje estamos a formatá-la) nos intimida e nos vigia ao invés de nos encorajar na aventura por novas perguntas?

Aprendemos que o cuidado epistemológico é um dos distintivos mais perseguidos pelos “grandes cientistas”. Toda a tradição positivista busca controlar cientistas ao conduzi-los por caminhos predeterminados em busca de *uma* resposta certa.

Mas os mundos contraídos e planificados não suportaram esta condição.

Manifestaram-se.

Complexizaram-se.

E a realidade não coube no método.

...“saber implica, antes, saber o que ainda não se sabe, porque o que não se sabe é sempre a maior parte do saber...”

Inconformados e curiosos experimentamos os saltos dialéticos e voamos por espaços surpreendentes num mundo contraditório, insubmisso a tudo.

Queremos a aventura, o risco dentro do campo científico?

Podemos?

SIM.

Chegamos no Manifesto Surrealista de 1924 no qual André Breton questionava as condições excessivamente racionais de fazer arte e



buscava o desenvolvimento de uma “técnica” que o auxiliasse no desenvolvimento de *outras* produções artísticas. Queriam romper a barreira da lógica e criaram o “automatismo psíquico”, uma método que buscava o acesso direto as forças autênticas e profundas de cada indivíduo antes que a censura e a razão desse forma ao conteúdo. Acreditavam que a lógica seria responsável pelo acesso aos problemas secundários da humanidade e por isso buscavam uma surrealidade.

Nós hoje nas Ciências Humanas talvez nos encontremos em condições semelhantes. Diante de um mundo em vertiginoso processo de mudança, ainda nos encontramos em busca de *uma verdade* que possamos comprová-la através de investigações assépticas, sem que estejamos *comprometidos* ou *implicados*. Sim, isto já foi superado por muitos investigadores (seríamos obedientes à linguagem científica se pudéssemos citá-los aqui – deveríamos?) mas no fundo de nossas concepções identitárias (talvez marcadas pelas avaliações de nossos pares “rigorosos”, como soldados em campos de batalha, onde a ordem é abater o inimigo) também somos capturados pela dúvida: o que faço é ciência?

Desde sempre são tantos relatos de perseguições a cientistas inconformados, suportaríamos conosco?

Sim, talvez em trabalhos coletivos, em diálogos solidários, marcadamente desconcertantes para a formação que tivemos. Ou seja, para fazermos uma outra ciência precisamos desaprender a ser quem somos. Como no Manifesto de Breton: surrealizar nossa compreensão de nós mesmos na direção de outras condições.

Ou, pensamos, talvez seja ainda mais simples: o que vale em ciência é o que a comunidade aceita. Este MANIFESTO é um convite para aceitarmos as provocações de nossas realidades complexas e avançarmos juntos, colaborativamente, em direção ao que nos desafia.

Agosto 2020





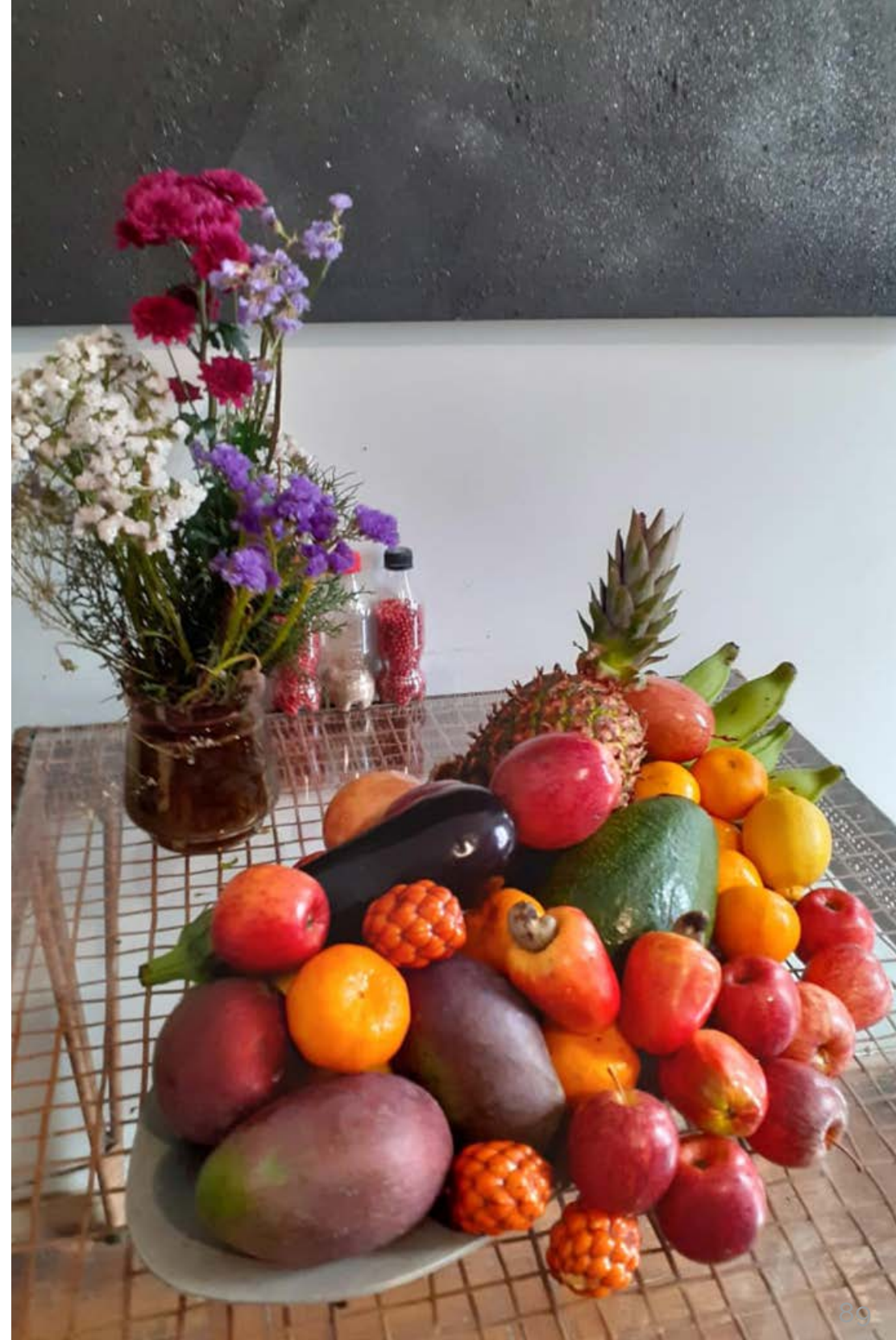
Thiago Barbalho

www.thiagobarbalho.com

Pele, 2020. 101cm x 72cm. Lápis grafite, lápis de cor, caneta esferográfica, marcador permanente, óleo e tinta acrílica sobre papel.

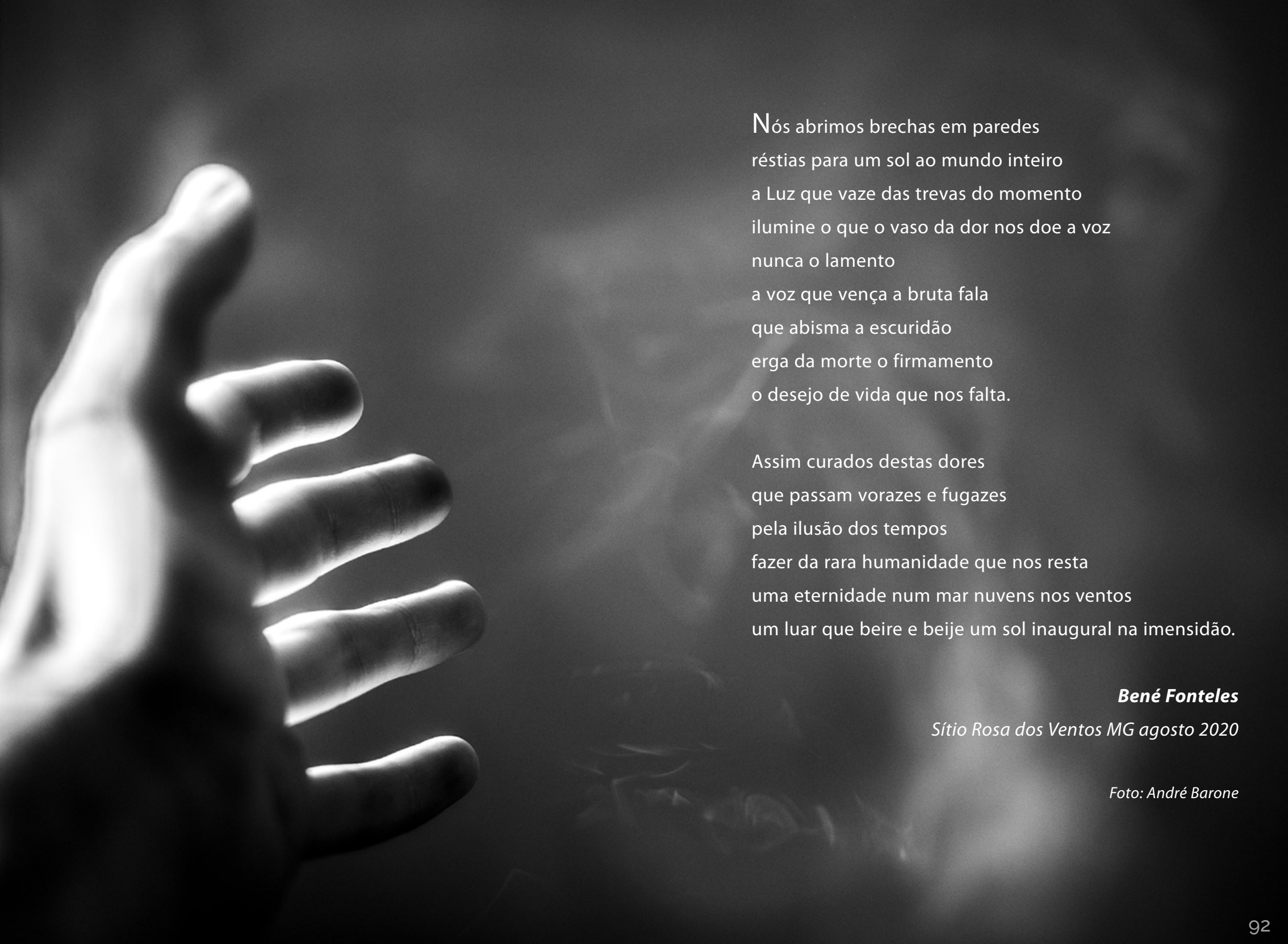
Xico Chaves











Nós abrimos brechas em paredes
réstias para um sol ao mundo inteiro
a Luz que vaze das trevas do momento
ilumine o que o vaso da dor nos doe a voz
nunca o lamento
a voz que vença a bruta fala
que abisma a escuridão
erga da morte o firmamento
o desejo de vida que nos falta.

Assim curados destas dores
que passam vorazes e fugazes
pela ilusão dos tempos
fazer da rara humanidade que nos resta
uma eternidade num mar nuvens nos ventos
um luar que beire e beije um sol inaugural na imensidão.

Bené Fonteles

Sítio Rosa dos Ventos MG agosto 2020

Foto: André Barone



Agradecimentos a
Sandra Fonteles e
Lucinha Mendes

Bené tocando pro sol
a maraca que ganhou
do cacique Pawanã
no Mirante da Floresta
Cultural / Sorocaba

Foto:
Lucas Darobertis

ORGANIZADO E PRODUZIDO
DURANTE A QUARENTENA POR

Bené Fonteles

PROJETO GRÁFICO:
Licurgo S. Botelho

AGOSTO 2020